

Ética, Autonomia e Emancipação na Formação Acadêmica: Estudante como Sujeito de sua Formação no Ensino Superior

Jorge Barbosa de Oliveira

Universidade do Estado do Amazonas - UEA

jbarbosa@uea.edu.br

<https://lattes.cnpq.br/4305316026540087>

Resumo: A formação no Ensino Superior constitui um processo que ultrapassa a aquisição de conhecimentos técnicos e profissionais, envolvendo dimensões éticas, intelectuais, políticas e humanas que participam da constituição do estudante como sujeito de seu próprio percurso acadêmico. Nesse contexto, autonomia e emancipação assumem relevância para pensar práticas educacionais capazes de favorecer reflexão, responsabilidade, participação e produção crítica do conhecimento. O presente estudo tem como objetivo analisar, sob uma perspectiva filosófico-educacional, as relações entre ética, autonomia e emancipação na formação acadêmica, discutindo o papel do estudante como sujeito ativo e corresponsável por seu processo formativo no Ensino Superior. A investigação parte do seguinte problema fomentador: de que maneira a ética, a autonomia e a emancipação contribuem para compreender o estudante como sujeito ativo de sua própria formação no Ensino Superior? Metodologicamente, desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, conduzida mediante revisão narrativa da literatura, contemplando estudos recentes dos campos da Filosofia e da Educação, publicados predominantemente entre 2022 e 2025. Os resultados evidenciam que a autonomia discente não corresponde ao isolamento ou à responsabilização individual do estudante, mas se constrói em processos educativos mediados pelo diálogo, pela reflexão crítica, pela alteridade, pela participação e pela responsabilidade. Verificou-se, ainda, que a emancipação educacional requer a superação de modelos formativos centrados na transmissão e reprodução de conhecimentos, reconhecendo o estudante como participante da produção do saber. Conclui-se que ética, autonomia e emancipação constituem dimensões interdependentes de uma formação universitária comprometida com o desenvolvimento humano, a autoria intelectual e a participação consciente do estudante em sua trajetória acadêmica.

Palavras-chave: Ética. Autonomia. Emancipação.



Recebido em: maio, 2026. Aceito em: agosto, 2026

DOI: 10.56069/2676-0428.2026.860

Horizontes Interdisciplinares: Ciência, Cultura e Transformação Social

Setembro, 2026, v. 3, n. 42

Periódico Multidisciplinar da FESA Educacional

ISSN: 2676-0428



Ética, Autonomía Y Emancipación En La Formación Académica: Estudiante Como Sujeto De Su Propia Formación En La Educación Superior

Resumen: La formación en la Educación Superior constituye un proceso que trasciende la adquisición de conocimientos técnicos y profesionales, pues comprende dimensiones éticas, intelectuales, políticas y humanas que contribuyen a la constitución del estudiante como sujeto de su propio recorrido académico. En este contexto, la autonomía y la emancipación adquieren especial relevancia para pensar prácticas educativas capaces de favorecer la reflexión, la responsabilidad, la participación y la producción crítica del conocimiento. El presente estudio tiene como objetivo analizar, desde una perspectiva filosófico-educativa, las relaciones entre ética, autonomía y emancipación en la formación académica, discutiendo el papel del estudiante como sujeto activo y corresponsable de su proceso formativo en la Educación Superior. La investigación parte de la siguiente pregunta: ¿de qué manera la ética, la autonomía y la emancipación contribuyen a comprender al estudiante como sujeto activo de su propia formación en la Educación Superior? Metodológicamente, se desarrolló una investigación bibliográfica, de enfoque cualitativo, realizada mediante una revisión narrativa de la literatura, que incluyó estudios recientes de los campos de la Filosofía y la Educación, publicados predominantemente entre 2022 y 2025. Los resultados evidencian que la autonomía estudiantil no corresponde al aislamiento ni a la individualización de la responsabilidad, sino que se construye mediante procesos educativos mediados por el diálogo, la reflexión crítica, la alteridad, la participación y la responsabilidad. Asimismo, se constató que la emancipación educativa requiere superar modelos formativos centrados en la transmisión y reproducción de conocimientos, reconociendo al estudiante como participante en la producción del saber. Se concluye que la ética, la autonomía y la emancipación constituyen dimensiones interdependientes de una formación universitaria comprometida con el desarrollo humano, la autoría intelectual y la participación consciente del estudiante en su trayectoria académica.

Palabras clave: Ética. Autonomía. Emancipación.

Ethics, Autonomy, And Emancipation In Academic Education: Student As The Subject Of Their Own Education In Higher Education

Abstract: La formación en la Educación Superior constituye un proceso que trasciende la adquisición de conocimientos técnicos y profesionales, pues comprende dimensiones éticas, intelectuales, políticas y humanas que contribuyen a la constitución del estudiante como sujeto de su propio recorrido académico. En este contexto, la autonomía y la emancipación adquieren especial relevancia para pensar prácticas educativas capaces de favorecer la reflexión, la responsabilidad, la participación y la producción crítica del conocimiento. El presente estudio tiene como objetivo analizar, desde una perspectiva filosófico-educativa, las relaciones entre ética, autonomía y emancipación en la formación académica, discutiendo el papel del estudiante como sujeto activo y corresponsable de su proceso formativo en la Educación Superior. La investigación parte de la siguiente pregunta: ¿de qué manera la ética, la autonomía y la emancipación contribuyen a comprender al estudiante como sujeto activo de su propia formación en la Educación Superior? Metodológicamente, se desarrolló una investigación bibliográfica, de enfoque cualitativo, realizada mediante una revisión narrativa de la literatura, que incluyó estudios recientes de los campos de la Filosofía y la Educación, publicados predominantemente entre 2022 y 2025. Los resultados evidencian que la autonomía estudiantil no corresponde al aislamiento ni a la individualización de la responsabilidad, sino que se construye mediante procesos educativos mediados por el diálogo, la reflexión crítica, la alteridad, la participación y la responsabilidad. Asimismo, se constató que la emancipación educativa requiere superar modelos formativos centrados en la transmisión y reproducción de conocimientos, reconociendo al estudiante como participante en la producción del saber. Se concluye que la ética, la autonomía y la emancipación constituyen dimensiones interdependientes de una formación universitaria comprometida con el desarrollo humano, la autoría intelectual y la participación consciente del estudiante en su trayectoria académica.

Palabras clave: Ética. Autonomía. Emancipación.

INTRODUÇÃO

A formação desenvolvida no Ensino Superior não pode ser compreendida exclusivamente como preparação técnica destinada ao exercício de uma profissão, uma vez que a experiência universitária também envolve processos de constituição intelectual, ética e social dos sujeitos. Nesse sentido, Luft e Serrer (2022) compreendem a educação como processo de formação ética e destacam a necessidade de repensar a formação humana diante das transformações contemporâneas.

Essa perspectiva permite situar a universidade como espaço no qual o conhecimento especializado deve dialogar com a capacidade de reflexão, julgamento e responsabilização dos sujeitos por suas ações. A formação acadêmica, portanto, alcança uma dimensão mais ampla quando possibilita ao estudante compreender criticamente o conhecimento que recebe, as relações que estabelece e sua própria posição no processo educativo.

A autonomia constitui, nesse cenário, uma categoria relevante para pensar tanto a instituição universitária quanto os sujeitos que nela desenvolvem seus percursos formativos. Oliveira e Gomes (2023), ao discutirem os sentidos e limites da autonomia como ideal regulador da universidade moderna, demonstram que o conceito está atravessado por dimensões epistemológicas, políticas e curriculares.

No plano da formação discente, essa discussão permite compreender que ser autônomo não significa aprender independentemente das relações educativas, mas desenvolver condições intelectuais para examinar criticamente conhecimentos, argumentos e decisões. De maneira convergente, Silva e Rodrigues (2022), retomando a concepção kantiana de esclarecimento, aproximam educação, autonomia, emancipação e superação da menoridade intelectual, destacando a atualidade dessas relações diante das condições culturais contemporâneas.

A emancipação amplia essa discussão porque desloca a finalidade educativa da simples adaptação do estudante às exigências acadêmicas e profissionais para a formação de sujeitos capazes de compreender e intervir criticamente em sua realidade. Oliveira, Fortunato e Abreu (2022), aproximando

Paulo Freire e Theodor Adorno, demonstram que ambos problematizam concepções educacionais capazes de reduzir o educando à condição de receptor e consumidor de conteúdos, defendendo a emancipação, a autonomia e a libertação como horizontes formativos. Nessa perspectiva, a formação acadêmica pode ser compreendida como percurso no qual o estudante não apenas acumula conhecimentos, mas desenvolve progressivamente autoria, responsabilidade e capacidade de posicionamento diante do próprio saber e do mundo em que está inserido.

Diante dessas considerações, estabelece-se como problema fomentador da investigação: de que maneira a ética, a autonomia e a emancipação contribuem para compreender o estudante como sujeito ativo de sua própria formação no Ensino Superior? A questão parte do pressuposto de que a condição de sujeito não decorre automaticamente do ingresso na universidade ou da participação formal nas atividades curriculares. Ao contrário, demanda condições pedagógicas, institucionais e relacionais que possibilitem ao estudante desenvolver reflexão, diálogo, responsabilidade e participação consciente no processo de construção do conhecimento.

Assim, o presente estudo tem como objetivo geral analisar, sob uma perspectiva filosófico-educacional, as relações entre ética, autonomia e emancipação na formação acadêmica, discutindo o papel do estudante como sujeito ativo e corresponsável por seu processo formativo no Ensino Superior. Busca-se compreender como essas três categorias se articulam na literatura recente e quais contribuições oferecem para superar concepções passivas da aprendizagem universitária, sem transferir exclusivamente ao estudante a responsabilidade pelas condições e pelos resultados de sua formação.

Para desenvolver essa análise, o artigo encontra-se organizado, além desta introdução, em quatro momentos. Inicialmente, apresenta-se o percurso metodológico adotado para seleção, organização e interpretação da literatura. Em seguida, desenvolve-se a fundamentação teórica, articulando ética, autonomia e emancipação à formação universitária. Posteriormente, apresentam-se e discutem-se os resultados da revisão bibliográfica, acompanhados de uma síntese dos estudos analisados. Por fim, as

considerações finais retomam o problema fomentador e o objetivo da pesquisa, evidenciando as principais contribuições encontradas na literatura.

METODOLOGIA

O estudo caracteriza-se como pesquisa bibliográfica, qualitativa e de revisão narrativa, uma vez que pretende interpretar e articular contribuições teóricas e resultados de pesquisas acerca da ética, autonomia, emancipação e constituição do estudante como sujeito de sua formação no Ensino Superior. A opção pela revisão bibliográfica decorre da própria natureza do problema investigado, cuja compreensão exige estabelecer interlocuções entre conceitos filosóficos e estudos contemporâneos da Educação, em vez de mensurar isoladamente determinado fenômeno educacional.

Snyder (2019) compreende a revisão da literatura como metodologia de pesquisa capaz de reunir e sintetizar conhecimentos produzidos anteriormente, permitindo identificar perspectivas, aproximações, divergências e possibilidades de desenvolvimento teórico. A autora ressalta, entretanto, que uma revisão precisa explicitar procedimentos e critérios suficientemente claros para que não se transforme em uma reunião arbitrária de publicações. Dessa maneira, a pesquisa bibliográfica adotada neste artigo foi orientada por um problema previamente estabelecido e pela definição de eixos conceituais relacionados diretamente ao objeto investigado.

A escolha específica pela revisão narrativa justifica-se pela natureza filosófico-educacional da investigação e pela necessidade de colocar em diálogo pesquisas metodologicamente distintas. Sukhera (2022) destaca que as revisões narrativas possibilitam trabalhar com diferentes tipos de estudos e produzir sínteses acompanhadas de interpretação e crítica, sem que flexibilidade signifique ausência de rigor. Essa característica mostra-se particularmente pertinente neste estudo, pois os conceitos de ética, autonomia e emancipação aparecem tanto em investigações teóricas quanto em pesquisas empíricas sobre práticas e experiências universitárias.

Para conferir maior transparência ao percurso, foram também consideradas as recomendações de Turnbull, Chugh e Luck (2023), segundo os

quais revisões que incorporam elementos sistemáticos devem explicitar estratégia de busca, critérios de inclusão e exclusão, fontes consultadas e procedimentos utilizados na síntese das informações. Foram privilegiadas produções recentes, predominantemente publicadas entre 2022 e 2025, pertencentes aos campos da Educação e da Filosofia da Educação e relacionadas aos descritores ética, autonomia, emancipação, formação humana, protagonismo discente, Ensino Superior e formação acadêmica.

Figura 1. Fluxo metodológico da pesquisa



Fonte: Elaborado para este estudo (2026).

Após a localização dos trabalhos, procedeu-se à leitura dos títulos, resumos, objetivos, fundamentos conceituais e principais resultados. Foram excluídas produções cuja utilização dos descritores não apresentasse relação efetiva com a formação humana ou educacional. Posteriormente, os trabalhos foram organizados em três eixos interpretativos: ética e formação humana; autonomia e constituição do estudante como sujeito; emancipação e protagonismo na formação universitária. A análise foi realizada mediante aproximação conceitual entre os estudos, preservando suas diferenças teóricas e metodológicas.

ÉTICA, AUTONOMIA E EMANCIPAÇÃO NA FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA

Compreender o estudante como sujeito de sua formação exige ultrapassar uma concepção de Ensino Superior restrita à transmissão de conhecimentos especializados. A dimensão ética desse processo aparece em Luft e Serrer (2022), para quem a educação participa da formação humana diante das tensões da contemporaneidade. Em perspectiva semelhante, Leite, Trisztz e Carvalho (2022) argumentam que a ação pedagógica apresenta dimensão ética e destacam alteridade, diálogo e humanização como elementos importantes do processo educativo. A condição de sujeito, portanto, não se desenvolve isoladamente, mas nas relações estabelecidas com professores, colegas, conhecimentos e contextos sociais.

Essa compreensão impede que autonomia seja confundida com independência absoluta. Nörnberg e Jäger (2024), em diálogo com Hannah Arendt, compreendem a responsabilidade educativa mediante dimensões intelectuais, éticas e políticas. Tal perspectiva contribui para reconhecer que assumir a própria formação pressupõe também reconhecer o mundo compartilhado e a responsabilidade implicada nas escolhas. Lopes e Silva Filho (2022), por sua vez, defendem uma educação que ultrapasse a instrução e assuma caráter formativo e ético, relacionando-a à constituição de indivíduos livres, autônomos e capazes de desenvolver consciência moral.

A autonomia intelectual encontra outra importante fundamentação na tradição kantiana. Silva e Rodrigues (2022) recuperam o conceito de esclarecimento para discutir a passagem da menoridade para a capacidade de utilização autônoma da razão. Aplicada à formação universitária, essa perspectiva permite questionar experiências acadêmicas nas quais o estudante reproduz interpretações, procedimentos ou argumentos sem submetê-los ao exame crítico. A autonomia não elimina a mediação docente ou a tradição intelectual; ao contrário, pressupõe apropriar-se criticamente delas para construir capacidade de julgamento.

A discussão torna-se mais complexa quando Oliveira e Gomes (2023) analisam a autonomia como ideal da universidade moderna e identificam seus limites epistemológicos, políticos e curriculares. Isso significa que a autonomia

discente não pode ser examinada apenas como atributo individual. O estudante desenvolve-se dentro de uma instituição constituída por currículos, formas de avaliação, relações de poder e determinadas concepções de conhecimento. Portanto, defender o estudante como sujeito da formação exige também examinar se as condições universitárias favorecem questionamento, participação e produção intelectual ou apenas adaptação às estruturas estabelecidas.

Essa perspectiva encontra respaldo empírico em Almeida, Schuck e Neuenfeldt (2022), que investigaram percepções docentes acerca da autonomia e da escuta no Ensino Superior. O diálogo com Paulo Freire permite aos autores relacionar autonomia, escuta, compreensão e emancipação. Souza (2024), ao investigar a educação como autonomia a partir de Agostinho e Paulo Freire, reforça conceitualmente que a educação pode participar da construção da autonomia do sujeito, considerando simultaneamente suas condições históricas, culturais e sociais.

A autonomia, entretanto, ganha sentido educacional mais amplo quando vinculada à emancipação. Oliveira, Fortunato e Abreu (2022) identificam aproximações entre Freire e Adorno justamente na crítica aos processos formativos que conformam o educando e o transformam em reproduzidor de conhecimentos. Em ambos, a formação emancipatória exige resistência à redução do sujeito à passividade. Furtado, Gomes e Borges (2022) chegam a resultado semelhante ao identificarem, nas contribuições de Adorno e Freire, a educação emancipatória como prática de humanização, contraposição à barbárie e dimensão política da formação.

Essa articulação também aparece na produção mais recente. Maia, Sales e Cavalcante (2024), ao analisarem estudos sobre Adorno e Freire, identificaram a emancipação como eixo associado à transformação, autonomia e conscientização. Rela, Soares e Luchese (2025), especificamente no âmbito do Ensino Superior, defendem que a ação educativa universitária seja pensada em perspectiva de formação humana, superando uma orientação exclusivamente instrumental.

Por fim, a passagem dessas categorias para a experiência universitária concreta encontra expressão no protagonismo discente. Bezerra et al. (2023)

identificaram possibilidades de desenvolvimento do protagonismo de estudantes universitários por meio de metodologias ativas, enquanto Miotto et al. (2022) relacionam participação estudantil e formação acadêmica em experiência desenvolvida no Ensino Superior. Desse modo, a literatura converge para uma compreensão segundo a qual tornar-se sujeito da própria formação não significa substituir o professor nem individualizar a responsabilidade pelo aprender. Significa construir, nas relações acadêmicas, condições para questionar, decidir, participar, produzir conhecimento e responsabilizar-se progressivamente por escolhas intelectuais e éticas.

RESULTADOS DA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E DISCUSSÃO

A análise da literatura permitiu identificar uma convergência significativa entre estudos filosóficos, pesquisas bibliográficas e investigações voltadas diretamente ao Ensino Superior. Embora os trabalhos partam de referenciais e objetos diferentes, observa-se uma compreensão recorrente: a formação acadêmica não se esgota na aquisição de conteúdos e competências profissionais. Ética, autonomia e emancipação aparecem como categorias relacionadas à formação do sujeito e, conseqüentemente, à possibilidade de reconhecer o estudante como participante efetivo de seu percurso universitário.

Tabela 1. Síntese dos estudos mobilizados na fundamentação teórica

Estudo	Natureza/foco	Eixo predominante	Contribuição para esta pesquisa
Luft e Serrer (2022)	Estudo bibliográfico	Ética	Educação como processo de formação ética e humana
Leite, Trisztz e Carvalho (2022)	Pesquisa bibliográfica	Ética/alteridade	Relação pedagógica, humanização e emancipação
Lopes e Silva Filho (2022)	Pesquisa teórica	Ética/formação	Formação ética, autonomia e consciência moral
Silva e Rodrigues (2022)	Estudo teórico	Autonomia	Esclarecimento, maioria intelectual e emancipação
Oliveira, Fortunato e Abreu (2022)	Teórico-bibliográfico	Emancipação	Freire e Adorno; crítica à formação passiva
Furtado, Gomes e Borges (2022)	Teórico-conceitual	Emancipação	Educação emancipatória como humanização

Almeida, Schuck e Neuenfeldt (2022)	Pesquisa qualitativa	Autonomia/escuta	Autonomia e diálogo no Ensino Superior
Miotto et al. (2022)	Experiência no Ensino Superior	Protagonismo	Participação estudantil e formação acadêmica
Oliveira e Gomes (2023)	Pesquisa teórica	Autonomia	Sentidos e limites da autonomia universitária
Nörnberg e Jäger (2024)	Ensaio teórico	Ética/responsabilidade	Formação como ação intelectual, ética e política
Bezerra et al. (2023)	Pesquisa no Ensino Superior	Protagonismo	Participação ativa na aprendizagem universitária
Souza (2024)	Tese de doutorado	Autonomia	Educação como construção da autonomia do sujeito
Maia, Sales e Cavalcante (2024)	Estado da questão	Emancipação	Autonomia, conscientização e transformação
Rela, Soares e Luchese (2025)	Estudo sobre Ensino Superior	Formação humana	Superação da formação exclusivamente instrumental

Fonte: Elaboração própria (2026), com base nos estudos analisados.

O primeiro resultado refere-se à impossibilidade de separar integralmente ética, autonomia e emancipação. A literatura indica que esses conceitos possuem especificidades, mas se relacionam na formação do sujeito. A ética fornece uma dimensão relacional e de responsabilidade; a autonomia diz respeito à capacidade progressiva de reflexão e julgamento; e a emancipação representa um horizonte formativo no qual essas capacidades possibilitam ao estudante superar formas de heteronomia e passividade.

Luft e Serrer (2022) fornecem um ponto de partida relevante ao situarem a educação no campo da formação ética. Essa concepção ganha densidade quando articulada a Leite, Trisztz e Carvalho (2022), pois os autores ressaltam que a formação humana demanda relações pedagógicas marcadas pela alteridade. Consequentemente, a autonomia universitária não pode ser entendida como autossuficiência. Um estudante autônomo continua inserido em relações, reconhece o outro, dialoga, confronta perspectivas e assume responsabilidade pelas consequências de suas escolhas.

O segundo resultado evidencia que autonomia é processo e não condição previamente possuída pelo estudante. A contribuição kantiana recuperada por Silva e Rodrigues (2022) possibilita compreendê-la como exercício da razão associado à superação da menoridade intelectual. Contudo, os resultados da revisão indicam que esse processo precisa ser contextualizado

institucionalmente. Oliveira e Gomes (2023) mostram que a própria autonomia universitária apresenta limites epistemológicos, políticos e curriculares. Dessa maneira, não seria coerente exigir autonomia discente em ambientes universitários organizados exclusivamente pela reprodução, pelo controle excessivo da aprendizagem ou pela impossibilidade de participação.

Nesse aspecto, Almeida, Schuck e Neuenfeldt (2022) acrescentam uma contribuição decisiva ao investigarem a autonomia juntamente com a escuta. A relação entre essas categorias evidencia que o reconhecimento do estudante como sujeito requer espaços de interlocução. O protagonismo não se realiza simplesmente pela transferência de tarefas ao discente; ele pressupõe que sua experiência, suas perguntas e seus argumentos possam efetivamente participar da construção do processo educativo.

O terceiro resultado consiste na identificação da emancipação como horizonte crítico da autonomia. Oliveira, Fortunato e Abreu (2022) demonstram que Freire e Adorno convergem na crítica a processos formativos que adaptam e conformam o sujeito, reduzindo sua capacidade crítica. Furtado, Gomes e Borges (2022) aprofundam essa aproximação ao identificar a educação emancipatória como processo de humanização e prática contraideológica. Maia, Sales e Cavalcante (2024), ao examinarem produções recentes, confirmam a permanência dessa relação entre emancipação, autonomia e conscientização no debate educacional.

Os resultados permitem, assim, diferenciar autonomia de protagonismo meramente operacional. O estudante pode participar intensamente de atividades acadêmicas e, ainda assim, permanecer dependente de respostas prontas ou reproduzir conteúdos sem reflexão. O conceito de emancipação introduz um critério qualitativo: participar da própria formação significa desenvolver condições para compreender, questionar, produzir argumentos e posicionar-se diante do conhecimento.

A literatura relacionada diretamente ao Ensino Superior reforça essa interpretação. Bezerra et al. (2023) demonstram que metodologias ativas podem favorecer o protagonismo discente na produção acadêmica, enquanto Miotto et al. (2022) apresentam experiência explicitamente direcionada aos espaços de participação estudantil. Tais estudos mostram que o protagonismo pode assumir

materialidade nas práticas universitárias, desde que não seja reduzido à simples execução de atividades pelo aluno.

Nesse sentido, Souza (2024) contribui para aprofundar o conceito ao sustentar, em sua tese, que a educação pode participar da construção da autonomia no sujeito. A formulação é particularmente importante para o objetivo deste artigo porque desloca a compreensão da autonomia como pressuposto para concebê-la como resultado sempre inacabado da própria formação. O estudante é sujeito de sua trajetória não porque prescinde da universidade, do professor ou do outro, mas porque se apropria progressivamente das condições intelectuais e éticas necessárias para participar dessa relação de modo consciente.

Por fim, Rela, Soares e Luchese (2025) situam a discussão no debate contemporâneo sobre formação humana no Ensino Superior. Sua contribuição reforça uma das principais sínteses desta revisão: quando a universidade privilegia exclusivamente resultados instrumentais e profissionais, dimensões fundamentais da formação podem ser secundarizadas. Reconhecer o estudante como sujeito significa, portanto, considerar a formação universitária simultaneamente como processo epistemológico, ético, relacional e humano.

Os achados atendem ao objetivo proposto porque permitem estabelecer que ética, autonomia e emancipação não constituem elementos periféricos da trajetória acadêmica. Ao contrário, oferecem categorias filosófico-educacionais para compreender como o estudante pode passar de uma posição predominantemente receptiva para uma relação de participação consciente com o conhecimento e com sua própria formação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve como objetivo analisar, sob uma perspectiva filosófico-educacional, as relações entre ética, autonomia e emancipação na formação acadêmica, discutindo o estudante como sujeito ativo e corresponsável por seu processo formativo no Ensino Superior. A revisão realizada possibilitou atender a esse objetivo ao demonstrar que as três categorias se apresentam

interdependentes na compreensão de uma formação universitária voltada ao desenvolvimento humano.

Em resposta ao problema fomentador, conclui-se que ética, autonomia e emancipação contribuem para compreender o estudante como sujeito de sua formação porque articulam responsabilidade, capacidade de julgamento, reflexão crítica, participação e produção consciente do conhecimento. A ética impede que a autonomia seja reduzida ao individualismo; a autonomia favorece a passagem da reprodução para o julgamento próprio; e a emancipação confere horizonte crítico ao processo formativo, orientando-o para a superação de relações educacionais baseadas exclusivamente na adaptação e na passividade.

Os resultados também evidenciam que reconhecer a centralidade do estudante não significa atribuir-lhe isoladamente a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso de sua formação. A autonomia é construída nas relações pedagógicas e depende de condições institucionais que favoreçam diálogo, escuta, participação, investigação e autoria. Nesse sentido, professor e estudante não ocupam posições excludentes: a mediação docente permanece essencial justamente porque pode criar condições para o desenvolvimento progressivo da autonomia.

Por fim, compreende-se que a formação universitária assume sentido emancipatório quando possibilita ao estudante não apenas dominar conteúdos profissionais, mas desenvolver condições para pensar, questionar, decidir e responsabilizar-se por sua relação com o conhecimento e com o mundo. Essa perspectiva reafirma o Ensino Superior como espaço de formação humana e aponta para a necessidade de práticas acadêmicas que reconheçam efetivamente o estudante como sujeito do processo educativo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Delano Carneiro de; SCHUCK, Rogério José; NEUENFELDT, Adriano Edo. Percepções de docentes sobre os pressupostos da autonomia e da escuta no ensino superior. *Educere et Educare*, v. 17, n. 44, 2022. DOI: 10.48075/educare.v17i44.29682.

BEZERRA, Ellen Lacerda Carvalho; HITZSCHKY, Rayssa Araújo; FREIRE, Raquel Santiago; CASTRO FILHO, José Aires. Metodologias ativas e o

protagonismo discente na produção de mídias digitais no ensino superior. #Tear: *Revista de Educação, Ciência e Tecnologia*, Canoas, v. 12, n. 2, 2023. DOI: 10.35819/tear.v12.n2.a6876.

FURTADO, Renan Santos; GOMES, Maria Rosilene Maués; BORGES, Carlos Nazareno Ferreira. Educação e emancipação em Theodor Adorno e Paulo Freire. *Debates em Educação*, v. 14, n. 35, p. 500–525, 2022. DOI: 10.28998/2175-6600.2022v14n35p500-525.

LEITE, Sandra Regina Mantovani; TRISLTZ, Rodolfo Gabriel; CARVALHO, Alonso Bezerra de. Educação e ética: o valor da presencialidade e da alteridade na formação e atuação do professor. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 17, n. esp. 1, p. 688–702, 2022. DOI: 10.21723/riaae.v17iesp.1.16317.

LOPES, Fátima Maria Nobre; SILVA FILHO, Adauto Lopes da. A dimensão ontológica e ética de um currículo de qualidade. *Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar*, v. 8, n. 25, 2022.

LUFT, Hedi Maria; SERRER, Fernanda. Educação e formação ética: fundamentos e novos desafios diante do cenário multissignificativo da contemporaneidade. *Educação Unisinos*, v. 26, 2022. DOI: 10.4013/edu.2022.261.18.

MAIA, Nikaelly Aline; SALES, Maria Julieta Fai Serpa e; CAVALCANTE, Maria Marina Dias. Educação e emancipação: diálogos entre Adorno e Freire no Estado da Questão. *Revista Educação, Pesquisa e Inclusão*, v. 5, n. 1, 2024. DOI: 10.18227/2675-3294repi.v5i1.8363.

MIOTTO, Angélica Inês; POLONIA, Ana da Costa; LACERDA, Alfredo de Almeida; RIBEIRO, Diego Carvalho Soares. Ação em rede de apoio social e formação acadêmica: a experiência do curso “Protagonismo e espaços de participação estudantil” no ensino superior. *EDU REVIEW: International Education and Learning Review*, v. 10, n. 2, p. 153–167, 2022. DOI: 10.37467/gkarevedu.v10.3170.

NÖRNBERG, Marta; JÄGER, Josiane Jarline. Formação humana como ação intelectual, ética e política. *Linguagens, Educação e Sociedade*, v. 28, n. 57, 2024. DOI: 10.26694/rles.v28i57.3939.

OLIVEIRA, Damião Bezerra; FORTUNATO, Izan Rodrigues de Souza; ABREU, Waldir Ferreira de. Aproximações entre Paulo Freire e Theodor Adorno em torno da educação emancipatória. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 48, e239149, 2022. DOI: 10.1590/S1678-4634202248239149.

OLIVEIRA, Damião Bezerra; GOMES, Raphael Carmesin. Autonomia como ideal regulador da Universidade Moderna: sentidos e limites. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 37, n. 81, 2023. DOI: 10.14393/REVEDFIL.v37n81a2023-67504.

RELA, Eliana; SOARES, Eliana Maria do Sacramento; LUCHESE, Terciane Ângela. Formação humana e ensino superior: repensar a ação educativa para

futuros (com)partilhados e sustentáveis. *Revista Exitus*, v. 15, n. 1, e025002, 2025. DOI: 10.24065/re.v15i1.2784.

SILVA, Michel Gustavo de Almeida; RODRIGUES, Eli Vagner Francisco. O esclarecimento segundo Immanuel Kant e algumas implicações no contexto da educação contemporânea. *Revista Brasileira de Ensino Superior*, v. 6, n. 3, p. 35–48, 2022. DOI: 10.18256/2447-3944.2022.v6i3.4032.

SNYDER, Hannah. Literature review as a research methodology: an overview and guidelines. *Journal of Business Research*, v. 104, p. 333–339, 2019. DOI: 10.1016/j.jbusres.2019.07.039.

SOUZA, Adailson Nascimento. *Educação como autonomia em Agostinho e Paulo Freire*. 2024. Tese (Doutorado em Educação: Currículo) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024.

SUKHERA, Javeed. Narrative reviews: flexible, rigorous, and practical. *Journal of Graduate Medical Education*, v. 14, n. 4, p. 414–417, 2022. DOI: 10.4300/JGME-D-22-00480.1.

TURNBULL, Darren; CHUGH, Ritesh; LUCK, Jo. Systematic-narrative hybrid literature review: a strategy for integrating a concise methodology into a manuscript. *Social Sciences & Humanities Open*, v. 7, n. 1, 100381, 2023. DOI: 10.1016/j.ssaho.2022.100381.